



Imagens da arte na infância ou ... Arco-íris aparece quando gotas de tinta se misturam

Childhood art images or ... Rainbow appears when ink droplets mix

Vanderléia de Lourdes Rodrigues Lopes de Oliveiraⁱ
Universidade Federal de Rondônia

Juverlande Nogueira Pintoⁱⁱ
Universidade Federal de Rondônia

Bianca Santos Chistéⁱⁱⁱ
Universidade Federal de Rondônia

Resumo

Aqui as cores disparam a escrita e expressam um plano de composição possível para pensarmos a infância, a arte e a educação. Partimos das inquietações: qual modo de produção da arte queremos ver? Por quais lentes queremos olhar produções imagéticas por crianças e produções escritas de professoras? O que essas produções, de crianças e de professoras, nos colocam a pensar, em contextos em que a arte enquanto componente curricular se faz presente? Para tanto na cor primeira apresentamos nossas inquietações, expressando já a infância que atravessa essa escrita. Na segunda cor, as esquizoescritas de professoras, de crianças traz o movimento de um estado de atenção. Na terceira cor, operamos com imagens e falas produzidas por crianças da educação infantil para pensarmos as invenções e experimentações infantis em uma aula de arte. Na quarta cor, as inquietações, em estado de frequência, são permanências para pensarmos a arte na educação infantil.

Palavra-chave: Infância, Criança, Arte, Esquizoescrita, Produção Imagética.

Abstract

Here the colors trigger writing and express a possible composition plan for thinking about childhood, art, and education. We start from the concerns: what mode of art production do we want to see? Through which lenses do we want to look at imagery productions by children and written productions by teachers? What do these productions, of children and teachers, lead us to think, in contexts where art as a curricular component is present? To do so, in the first color, we present our concerns, expressing the childhood that goes through this writing. In the second color, the schizo writings of children's teachers bring the movement of a state of attention. In the third color, we operate with images and speeches produced by children from early childhood education to think about children's inventions and experiments in an art class. In the fourth color, concerns, in a state of frequency, are permanency for thinking about art in early childhood education.

Keyword: Childhood, Child, Art, Schizo Writing, Imaging Production.

Enviado em: 05/05/21 - Aprovado em: 09/06/21

Começos ou... verde manteiga

*Tive outras visões naquela madrugada.
Preparei minha máquina de novo.
Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado.
Fotografei o perfume.
Vi uma lesma pregada na existência mais do que na pedra.
Fotografei a existência dela.
Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.
Fotografei o perdão.
Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.
Fotografei o sobre.
Foi difícil fotografar o sobre.
Por fim eu enxerguei a Nuvem de calça.
Representou para mim que ela andava na aldeia de braços com
Maiakovski — seu criador.
Fotografei a Nuvem de calça e o poeta.
(Manoel de Barros, p. 351-352, 2013).*

Um poeta com uma câmera nas mãos, uma criança com tinta nos pés. Visões devaneadas de madrugada, olhares brincantes no fim de tarde. Mundos de quem fotografa o perfume, o perdão, a existência, a nuvem de calça. Mundos de quem traça a terra, o chão, o papel com gel. Lápis, papel, tesoura. Tinta, cores, arco-íris. Imagens produzidas por crianças, esquizoescrita de professoras de crianças. Que pode o encontro dessas singularidades produzir? Ao nos debruçarmos sobre escritas de professoras e sobre imagens e falas de crianças, nos colocamos a pensar a arte como expressão de um gesto inventivo no espaço da educação infantil.

Graveto que torna-se pincel, mãos e pés como carimbo, mapas traçados com um sopro, chão agora mesa, tintas que mexem e remexem e viram morango, a “briga” das tintas para serem cores, melecas endurecidas transformados em papel, especiarias multicoloridas em aromas e textura, corpos líquidos que dançam e se movimentam. Essas e tantas outras experimentações parece que carregam uma inventividade que habita a infância. Parece que as experimentações atravessadas pela infância vão constituir um modo de produção da arte.

Leite (2011, p. 116) diz que a “infância pela criança nos apresenta um mundo de reticências, um mundo pontilhado de possibilidades pelo ritmo cortado, sem sentido fixo, sem sentido dado, sem sentido previsto, sem sentido.” Possibilidades outras sempre em movimentos, que se emaranham por caminhos, que se desdobram, que se transformam para ver coisas não visíveis. As crianças, habitadas pela infância, resistem em ver o mesmo que outros veem, elas se lançam a observar as miudezas, se surpreender a cada descoberta, inventa mundos não habitáveis. É esse olhar para as miudezas, para os

detalhes, esse olhar de atenção e o exercício de pensar o mundo que habita a infância que estremece as padronizações e as estruturas que as aprisionam.

A infância como experiência, que foge de amarras do que já foi dado, dos condicionamentos, e que vai percorrendo rizomas de forças, traçando linhas de fugas. A infância se movimenta em busca de romper com estruturas que tentam aprisioná-la. Seus deslocamentos, suas linhas de forças buscam encontros com a subjetivação por meio da individuação, com as descobertas, com as inventividades, e com outros modos de habitar o mundo e de ser habitado.

Mas, qual o modo de produção da arte queremos ver? Por quais lentes queremos olhar produções de crianças e professoras? O que estas produções de crianças e professoras nos apresentam e nos colocam a pensar, em contextos da educação infantil, em que a arte enquanto componente curricular se faz presente? Quando operamos com produções de imagens produzidas pelas crianças e esquizoescritas de professoras observamos que mundos expressam a potência de um corpo de afetar e ser afetado. Há um exercício de afastamento de um mundo que é representativo e um mergulho em um mundo inventivo.

Com isso, podemos dizer que a arte não é preexistente, não está lá, como se precedesse todos os mundos, e sim invenção imanente do processo da relação com os corpos (corpo-tinta, corpo-lápis, corpo-chão, corpo-folha, corpo-língua, corpo-câmera, corpo-mundo), na produção de afectos e sensações.

Assim, o texto apresenta um ensaio de escrita que segue um caminho permeado por pensamentos com a infância, com a criança, com a arte e com a educação infantil. Uma escrita que procura deslocar-se no encontro com imagens¹ produzidas por crianças, procura deslocar-se no encontro com as esquizoescritas de professoras em seus encontros, em suas linhas de fugas. Para Leite (2013) a imagem nos convoca, nos afeta, disparando sensações que produzem sentidos. Assim, as imagens produzidas pelas crianças no espaço da Educação Infantil nos convocam a pensar as afetações, sensações construídas nas vivências com materiais que são transformados pelas crianças, nas suas relações consigo mesmas e com o mundo.

As materialidades se transformam em arte nas mãos das crianças, que em seus movimentos, são atravessadas por experiências. Barbieri (2018, p. 247) contribui dizendo que “a convocação da experiência acontece na lida com os materiais, em celebração e nos confrontos com a matéria-sujeito, na investigação do que não é conhecido.” Nos parece que os materiais nas mãos das crianças ganham uma força de plasticidade, os quais elas

¹ As imagens que compõem essa escritura foram produzidas por crianças de uma Instituição da Rede Municipal de Educação Infantil, em 2019.

transmutam durante os caminhos e as linhas de fuga que criam, enquanto os acariciam, os experimentam, os transformam.

Marcas de uma infância entram em cena para problematizar a arte e a educação na Infância. Que produz? Entre esquizoescritas de professoras, notas de falas de crianças e imagens... uma infância esvai-se escorrendo. Uma torção no modo articulado e organizado de olhar, falar, ouvir e escrever, cuja tônica é a representação, com a intenção de sentir e experimentar e não de interpretar? E se o exercício de experimentação consistiu em olhar, não uma, nem duas, mas muitas vezes, imagens das crianças, rompendo com os códigos e com os territórios estabelecidos produzindo territórios deslizantes e outros modos de vida? E se pudéssemos embaralhar a língua; cavar as palavras até elas se esgarçarem de tanto uso (BARROS, 2013), corrompendo-as até a quítera?

Até que ponto é preciso olhar a si mesmo de outras maneiras, para prosseguir criando e inventando? Até que ponto podemos nos desfazer da distância que estabelecemos com o mundo e com a vida? Quanto de perversão há em manter uma distância? Um corpo clama por proximidade, gritar por intimidade com as paredes, com os chãos, com as câmeras, com as palavras desengavetadas, com os pés, com as sombras, com as cores, com... Trata-se, então, de profanar o ritual narcísico e assumir a educação infantil como lugar de acontecimentos de uma infância que contesta, e contestando, inventa e experimenta outros modos de vida. Seria, assim, fabular uma infância? Criar fabulações de uma infância? Que pode a arte, na educação infantil, fabulada pela infância?

Esquizoescritas ou... Amarelo manhã de verão



Fonte: NUVEM/Arquivo/SEMED/RM

[.]

Encontros. Corpos. Aromas. Folhas. Cores. Flores. Corpos em movimentos, se encontram com aromas, se estranham, se encantam, se atravessam. Amarelo. Verde. Roxo. Rosa. Flores, cores, cenouras, beterrabas, açafão, manjeriço, e e e e

Açafão encontra os corpos e o manjeriço...corpos em movimentos, açafão e manjeriço que não são mais...deixaram de ser...se deslocaram, se transformaram...já são outra coisa...uma coisa criada, inventada. Agora corpos que olham outra coisa, sente, aspira...inebriante...

Corpos continuam movimentando, dança que convida coisas...flores, rosa, que já não são...que já são líquidos, cores outras, escorrem entre os dedos...pele que toca, experimenta, sente, olha...olha...uma outra coisa. O corpo ainda é?

Beterraba, cenoura, folhas verdes, verdes de muitos verdes...se tocam, se entrelaçam, se misturam, agora são pasta, pastosa...textura outra que mobiliza o corpo. Corpo que já não sabe se ainda é.

Texturas. Líquidos outros. Cores outras. Corpos. O corpo na sua dança, encontram as coisas que já não são...que já são outras... Se misturam, escorrem, se juntam, são acarinhadas pelos corpos...Corpos que experimentam arte efêmera, vida curta...ou seria vida que continua a habitar outros lugares...Habita os corpos?

O corpo já não sabe se ainda é... ele está em outro lugar...se deslocando... corpo que no acontecimento já não é....

[..]

Tinta, papel, criança. Tinta espalhada, mão molhada, cor misturada, colada, parada, em movimento, deslocada, vertiginosa, sem cor, preto, branco. Todas as cores juntas, separadas, pinceladas. Texturas. Flores, folhas, galhos. Mexida, líquida, remexida. A arte se forma, transforma deforma. A criança se encanta, encanta, alegre, eleva, cativa, seduz, deslumbra, fascina. A cor se transforma, demuda, decompõe, transtorna. A arte, a pintura, a cor, o corpo, a forma? A arte, arteira, artista. Concentra. Pensamento. Mente. Fantasia, crianças, cria, crianceira, criando. Escorre com a arte, com a cor cambiante, entretom, coloração, tom, tonalidade. A arte se fazendo, experiência, acontecendo, arranjando, improvisando, inventando. Fantasia de criança, que cria vida, que inventa, planeia arte, imagina. Faz arte do nada, de tudo, com tudo. Faz arte com arte. A arte se faz... É arte?

[...]

Fotógrafa, filma. Olha aqui. Difícil fotografar e filmar crianças, juro que tentei. Tarde chuvosa a vida pulsava extra frequência não se ouvia um silêncio sequer. Eu tentava, em

círculos, sair do transe. Era quase qualquer hora. A CÂMERA! escuto ao longe. Uma mosca passa por mim desavisada. Fotografei o voo dela. Tive outros delírios nesse dia. Preparei a câmera, agora estava atenta (será?) tinha uma boneca deitada delicadamente em uma caixacama. Pude ver seus sonhos e medos. Filmei o sonho dela. Quase do lado um capacete em estado copo, cheio de leite, pedia para ser bebido. Filmei o cheiro dele. Vi ainda uma cama azul no ar cantando uma canção de ninar. Não resisti filmei o vento que passava por lá. Olhei ao lado e papéis flutuavam no chão caminhando em direção de cinco crianças que pediam pão. Filmei sua canção. Por fim, eu enxerguei uma máquina com medo de querer ser outra coisa. Agarradinha a ela uma criança dançava e rodopiava. Filmei o medo se dissipando e a máquina sendo e a criança. Nenhum outro ser no mundo teria a ousadia de trombar no invisível e fazê-lo desvanecer. A filmagem saiu supimpa.

Parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.(LARROSA, 2002, p. 24).

Uma questão que se levanta aqui, é quando nos encontramos com a infância, como experiência, como abertura e com arte, como “a linguagem das sensações, que não tem opinião, que não comunica, mas expressa (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 228)”, o que podemos compor com isso? Uma esquizoescrita? Um modo de escrever em direção ao inusitado? Um modo de tirar o pensamento de seus sulcos costumeiros, de pensar em terreno movediço e fissurado? Poderíamos pensar uma esquizoescrita enquanto força que impulsiona? O que pode uma esquizoescrita que nos faz sair do mundo? Parece que quando nos propomos em escrever com direção ao invisível, vamos sendo tragados ao ponto de não nos reconhecermos mais. No início, pode haver um distanciamento, uma suspeita, uma desconfiança, porém, tão logo se lança, se mergulha, uma certa intimidade é produzida. Se tomamos a ideia, junto a Deleuze (1988) que pensar é um acontecimento, um extraordinário no pensamento, que para isso ocorrer é preciso uma violência, poderíamos dizer que uma esquizoescrita coloca o pensamento em movimento, pois provoca encontros nos quais operam a invenção, o impensável e o ainda não pensável. Seria como se pudéssemos explorar, puxar fora, desorbitar pelo pensamento.

Seria uma cartografia do pensamento expresso em palavras escritas com vontade de viver, de durar, mesmo que provisoriamente, de intensificar a vida? Escrever sendo atravessadas pela arte e pela infância nos coloca a deslizar pelas cores que a arte exala, nos faz escorrer pelas fendas, pelas brechas abrindo-se para sentidos outros ainda não

experienciados. Nos entregando a um deslocamento do olhar, do corpo, pois é preciso estar junto, misturar-se, melear-se com a potência da infância e da arte.

Como professoras de crianças, escrever nessas condições implica estar sempre em estado de atenção, em estado de alerta, abrir-se para o mundo, como diz Masschelein (2008, p.02) "de forma que esse possa se apresentar a mim (para que eu possa "chegar" a ver) e para que eu possa ser transformado." Seria como produzir uma política do olho (BRITO e NETO, 2012), uma política das sensações, dos sentidos e dos afetos condizentes com a vida e com o que nos atravessa. Uma política do olho que opera sentindo o chão, a voz tocando a pele, percorrendo como ondas sonoras corpo dentro, corpo fora desfazendo todos os órgãos.

Em um lugar na Educação Infantil, uma professora observa crianças em momentos de criação, em uma aula de arte, há uma distância de quem olha e um desejo por proximidade, por intimidade. Uma professora que pressente que o olhar de intimidade escapa à passividade da visão e que a intimidade se intensifica quando o desejo de olhar alia-se à imaginação criadora, inventiva, pois ela potencializa os detalhes, o menor, o pequeno, o ínfimo, o que se esconde, as pequenas coisas que não se vê, não se percebe de imediato, até mesmo o oculto. É o modo como olhamos as coisas, os seres, o mundo. Para ver as miudezas, aquilo que é minúsculo, aquilo que habita a interioridade das coisas é preciso estar à espreita, vigiando, sensível ao encontro, atento àquilo que se passa entre as coisas, entre os seres, entre o mundo, com um olhar aberto para ver o que não é visível, o que não está dado, para se espantar, se encantar, delirar, imaginar, porquanto, nos dirá Bachelard (1990, p. 14), "a imaginação é uma louca esperança de ver sem limite."

Trata-se de expor-se, desnudar-se, desarmar-se, fragilizar-se, fortificar-se, perder o pudor, a vergonha, o brio. Uma pessoa de intimidades (com ela, com os outros, com outros corpos) é uma pessoa exposta, que se coloca ao sabor de experimentar novas coisas, novas aventuras, por isso, uma pessoa que corre riscos, que pode estar sempre em perigo, que abre rasgões e povoa o mundo de incertezas.

Nessas condições, escrever implica abrir-se aos encontros, ao acontecimento, às mudanças contínuas da força de existir, dar passagens aos fluxos e aos agenciamentos e, portanto, entrar em devir, ultrapassando todo e qualquer mundo já vivido. Escrever como forma de resistência ao pensamento das formas, das normatizações, das regularidades, das sistematizações, da frieza, da tristeza, para promover outras existências capazes de pensar uma educação infantil povoada de alegrias em sua potência vital, ou seja, de afirmação à vida. Escrever para transformar-se e transformar nosso trabalho com as crianças, estremecer e transformar as pedagogias molares e legitimadas na infância.

Escrever para criar novos modos, novas maneiras para experimentar o exercício da docência na infância.

A arte é uma linguagem que escapa da codificação do signo, criadora de signos próprios, imateriais, por que não remetem à memória, não tem explicação (DELEUZE, 2010, p. 37-38).

Imagens de crianças ou... arco-íris com oito cores



Fonte: EM CORES/Arquivo SEMED/RM

O que podem imagens produzidas por crianças nos colocar a pensar sobre a infância e a arte no espaço da educação infantil? O que podem as crianças em uma aula em que a experimentação artística é promovida? Pensar a arte na infância, na educação infantil é movimentar-se junto às crianças, constituindo em suas inventividades atravessadas e convidadas a se aventurar no mundo. As crianças com suas interações, curiosidades e inquietações abrem possibilidades para as experiências, para outros modos de desvendar o mundo e de se descobrir nele. Como nos diz Kohan (2005, p.251), "Assim, a infância é o reino do "como se", do "faz-de-conta", do "e se as coisas fossem de outro modo [...]?"

Apontando para múltiplas saídas, os fazeres cotidianos das crianças produzem o impossível, o invisível: quando escutam a cor dos passarinhos, desenham cavalos verdes, pintam o arco íris com múltiplas cores, colorem as gotas de chuvas, criam abalando as amarras de que as querem prender. No encontro com o mundo elas são impelidas, atraídas a criarem constituindo um mundo em cores, traços, riscos, pontos, formas que não está pré-determinado. Em seus trajetos desvelam formas, des(formam) normas que se fazem presente na arte como componente curricular.

As imagens produzidas pelas crianças nos possibilitam ver um mundo em cores, sons, movimentos. Há sempre uma busca adultícia pelo "o que é essa imagem? O que ela representa? É o nosso olhar ainda atrofiado que nos conduz a ver o que já estamos

habitados a enxergar. Há um exercício de permanência nos olhos adultícios, um exercício do mesmo. Entretanto, parece que a câmera nas mãos das crianças entra em estado de miopia, de hipermetropia, há um astigmatismo nas imagens. Seria como retirar os óculos, pois são eles que “corrigem” as ametropias. São eles que nos impede de ver um mundo em borrão, um mundo fumaça ou nuvem, um mundo rítmico, dançante e esvoaçante, um mundo no qual um buraco se abre ao infinito.

É assim que as imagens quicam, sambam, brincam de bola (ou seriam a própria bola?), brincam de roda. Em um mundo disforme e transbordantes, tons de cinza, azul, preto, rosa, marrom explodem. Traços e formas indefiníveis, indecifráveis mapeiam os trajetos do mundo habitado. E o exercício de definir o que encontramos lá continua:

Cinza.... Será que estava nublado?

Azul.... Será o céu?

Marrom... será o chão?

Rosa...será a areia?

Verde... será a folha?

Enquanto para nós o mundo já está dado e definido, as crianças percorrem mapas e trajetos, escapam de um território que aprisiona, limita. Mas, o que acontece quando **as cores** saem para brincar? E Escorrem feito leite em estado de ebulição? O que acontece quando cores, texturas, formas encontram às crianças? Deliram? Metamorfoseiam?

Para a criança, a cor não se reduz a uma simples impressão visual, mas afeta todos os sentidos: ela aspira, respira, escuta, sorve, degusta [...]. A criança reveste a cor. A cor é um espetáculo, uma paisagem, mas uma paisagem que a criança habita e com a qual se mistura. Ela habita a cor que a invade por todos os lados [...]. (SCHÉRER, 2009, p. 110-111).



A tinta vai mexendo, mexendo até virar um formato do morango.²

A tinta briga, se trombam e mexe até que viram cor.

As cores misturadas viram meleca e endurece e vira papel.

O arco-íris aparece quando gotas de tinta se encontram.

Tintei o chão da árvore.

(Crianças 2019).

Fonte: SOMBRAS/Arquivo SEMED/RM.

² As falas das crianças que compõem essa escrita, são fragmentos retirados das imagens fílmicas produzidas pelas crianças e de registros de professoras e uma Instituição da Rede Municipal de Educação Infantil, produzidas em 2019.

Em uma “aula de arte” além das cores, pincéis, papel, tintas, tampinhas, pratos, gravetos encontram as crianças. Atraídos, crianças e materiais, crianças e as miudezas do mundo encontram por si só caminhos para formar para elas seu mundo. Seus registros, suas marcas, indicam um mapa sem ponta, nem borda. Traçados, sem forma preexistente, só linhas contínuas que no movimento dos traços se descontinuum.



Fonte: ESBOÇO/Arquivo SEMED/JP

Para Barbieri (2018, p. 245), as experiências das crianças com a arte “são como notas de uma composição, em que uma traz a outra, com ritmos e atmosferas diversas, ou como partes de um conto em que um acontecimento muda tudo o que está por vir [...]”. Pequenos galhos que inicialmente eram pincéis, são transformados pelas crianças, e passam a fazer parte da obra, da produção, tornando-se um vir a ser outro, sempre em deslocamento para outras formas.

Parece que materiais nas mãos das crianças são sempre solúveis, moldáveis, exalam uma plasticidade, como se gritassem para usos indevidos, para modos outros de serem operados no mundo. Talvez haja nas mãos das crianças uma sedução, uma magia que faz os materiais fugirem do uso comum, fazendo-os deslizar “numa linha de feitiçaria que não param de desequilibrá-los, de fazê-los bifurcar e variar em cada um de seus termos, segundo uma incessante modulação [...] (DELEUZE, 1997, p. 124-125).

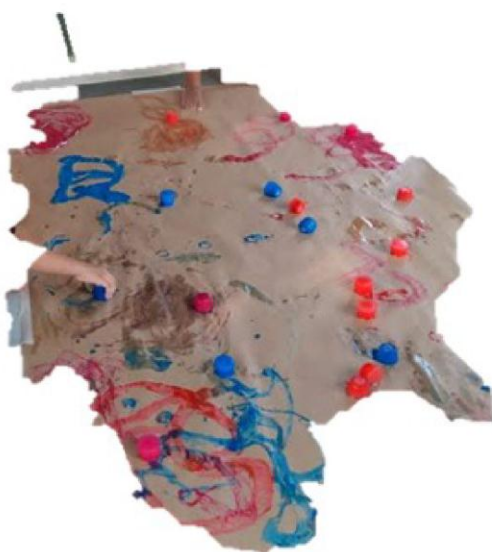
Há quem diga que o exercício da magia, da feitiçaria é uma profanação, uma violação ao sagrado instituído como tradicional, uma heresia, uma blasfêmia que ameaça o mundo pré-definido, preconcebido, racional e ordenado. As crianças são pequenas hereges, pois destituem o uso sagrado de qualquer bugiganga que lhes caia nas mãos e faz delas um uso singular. Além disso, as crianças proliferam heresias quando tocam e são tocadas pelo objeto sagrado,



Fonte: NUVEM/Arquivo SEMED/JP

pois, como diz Agamben (2007, p. 66) "Há um contágio profano, um tocar que desencanta e devolve ao uso aquilo que o sagrado havia separado e petrificado".

O mundo torna-se sensível às crianças e o espaço da educação infantil, de repente se transforma, se desloca para um espaço aberto à poética, ao acontecimento, às produções artísticas das crianças, como se fossem uma água, que no encontro com chão faz deslocamentos, invade território que antes não habitava. Os materiais nas mãos das crianças se transformam e possibilitam experiências atravessadas pelas sensações, pelos afetos e pelos sentidos.



Fonte: RELEVO/Arquivo SEMED/JP.

Tintas pastosas, quase líquidas, são levadas e se transformam, mudam de estado líquido, para o estado gelo, que logo volta a ser líquido, mas que antes, parece ser quente! É tão frio que nas mãos das crianças as sensações se misturam, se transformam no encontro com a pele quente, e as pedras-gel-tinta vão sendo guiadas pelas crianças se transformando em linhas, em movimentos, que continuam se deslocando enquanto as crianças são atravessadas pela experiência de mudanças dos materiais para outros estados da matéria, em composição de suas produções.

O espaço, o ambiente da educação infantil como lugar de inventividades pelas crianças, em que elas se lançam em suas descobertas, curiosidades, caminhos curvos no encontro com a arte e as de seus pares. Um lugar em que professoras vão junto com crianças experimentando à docência, abrindo-se ao encontro, ao acaso. Sempre atentas, como a criança, à explosão da mistura das cores, ao contato da tinta sob a pele, à textura do chão, à espessura da folha, aos movimentos da formiga sob a base líquida e colorida.

Vamos brincar de super-herói!
Mulher do gelo...
Mulher de fogo...
Ponha uma máscara...
Veste nossa fantasia...
Vamos embora filmar!
(CRIANÇAS, 2019).

Por um fim, sem fim ou ... vermelho lagarta



Fonte: MANCHA/Arquivo SEMED/RM.

Pode uma educação infantil povoar-se de infância? Pode uma educação infantil proliferar-se de arte, a arte das crianças? Pode uma educação na infância habitar-se da arte ainda em estado virgem? Pode uma vida sem assombros, surpresas, aberta ao inesperado produzir outras vidas? Quais vidas se produz sem nascimentos, sem magia, sem mistério, sem alegria?

Pode esquizoescritas de professoras de crianças nos colocar a pensar sobre a docência na infância? Pode as imagens produzidas por crianças fazer arder, inflamar e nos consumir? Pode as falas das crianças nos emudecer, nos silenciar, nos fazer calar? Que infância surge quando produzimos juntos às crianças, junto à infância? Enquanto professoras, como é possível movimentar a infância de outro modo?

O que desejamos quando exercemos a docência na infância? A quem e a que "servimos"? Quem estabelece o que é importante? Importante para quem? Será que tudo sempre se trata da educação? De educar as crianças? De conduzi-las a um lugar determinado, limitado e aprisionante? Como colocar em variação contínua a educação infantil e a docência na infância?

O mundo de cabeça para baixo ou girado é o mesmo mundo? Se assumirmos que é o que vemos que mundos podem ser criados? É tão difícil perder-se na docência que provavelmente arrumamos depressa um modo de se achar, mesmo que se achar seja uma invenção de que vivemos, seja outras maneiras de outrar a existência?

Por fim, em vermelho lagarta, uma ou três coisas que aprendemos com as crianças, com as esquizoescritas de professoras, com as imagens e falas infantis: para não

mantermos um estado de coisas é preciso movimentar o indeterminado, ao olhar o mundo é preciso adquirir um olhar de abelha, que é preciso fabular até sentirmos o mundo enamorar-se de nós, que como o vento se esquivava da poeira é preciso escapar do tempo que determina a vida, que é preciso estar distraído em estado de atenção para fotografar o silêncio de calça nas mãos.

Referências

- AGAMBEN, G. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- BARBIERI, S. A atenção imersa na distração. *Ayvu*, **Rev. Psicol.** V. 05, N. 01, p. 245-256, 2018.
- BARCHELARD, G. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BRITO, M. dos R. De NETO, M. Paisagens visuais em blocos de perceptos em preto e branco: para uma política do olho. **Revista Alegrar**. N.10, p. 1-20, dez/2012.
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Deleuze, 1988.
- DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2010.
- DELEUZE, G. e GUATARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2013, p. 242.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, 2002.
- KOHAN, W. O. Infância. **Entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- LEITE, C. D. P. **Infância, experiência e tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- LEITE, C. D. P. Cinema, Educação e Infância: Fronteiras entre Educação e Emancipação. **Fermentário**. N. 7, Vol. 2, 2013.
- MASSCHELEIN, J. Educando o Olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. **Revista Educação & Realidade**. V. 01, N. 33, p 35-48, jan/jun, 2008.
- SCHÉRER, R. **Infantis**: Charles Fourier e a infância para além das crianças. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ⁱ Mestranda em Ensino de Ciências da Natureza (PGEEN), pela Universidade Federal de Rondônia, Campus de Rolim de Moura. Possui Pós-Graduação em Administração, Orientação e Gestão Escolar e Pós Graduada em Gestão Pública e Gestão de Pessoas. Graduação em Pedagogia pela Universidade do Tocantins (2008). Graduação em Normal Superior pela Universidade do Tocantins (2008) e graduação em Administração pela Universidade Norte do Paraná (2009). Atualmente é professora de Educação Infantil na E.M.E.I.F. Balão Mágico e faz parte como voluntária dos grupos de pesquisas: Cirandeiros (UNIR - Campus de Vilhena) e IMAGO (UNESP).

ⁱⁱ Mestranda em Educação Matemática pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Especialista em Ensino Lúdico. Especialista em Educação Infantil - práticas de sala de aula. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Panamericana de Ji-Paraná (2013). Pesquisadora no grupo de pesquisa Cirandeiros - Grupo de Pesquisas e Estudos das Crianças, Folclore, Brincadeiras e Culturas Infantis, da Universidade Federal de Rondônia.

ⁱⁱⁱ Pós-Doutoranda em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista - Rio Claro. Doutora em Educação Matemática pelo PGEM/UNESP/Rio Claro (2015). Mestra em Ciências da Linguagem (2009) pela Universidade Federal de Rondônia. Possui Especialização em Alfabetização (2004) e Graduação em Pedagogia (2001). Realizou estágio de pós-doutoramento no PGEM/UNESP/Rio Claro (2019). Atualmente é docente da Universidade Federal de Rondônia - Campus de Rolim de Moura. Integra os grupos de pesquisa IM@GO (UNESP/Rio Claro), GEPPEA (Rolim de Moura/UNIR) e Cronópi@s (UNESP/Rio Claro).

Como citar esse artigo:

OLIVEIRA, Vanderléia de Lourdes Rodrigues Lopes; PINTO, Juverlande Nogueira; CHISTÉ, Bianca Santos. Imagens da arte na infância ou ... Arco-íris aparece quando gotas de tinta se misturam. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 14, n. 2, p. 297-310, mai./ago. 2021.